

**FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA E PRÁTICAS INCLUSIVAS PARA
PESSOAS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO EM ESCOLAS
DO ALTO OESTE POTIGUAR, RN.**

***TEACHER TRAINING IN GEOGRAPHY AND INCLUSIVE PRACTICES FOR
PEOPLE WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN SCHOOLS IN ALTO OESTE
POTIGUAR, RN.***

***FORMACIÓN DE PROFESORES EN GEOGRAFÍA Y PRÁCTICAS INCLUSIVAS
PARA PERSONAS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA EN
ESCUELAS DEL ALTO OESTE POTIGUAR, RN.***

Bárbara Gabriella da Silva Paiva
barbarapaiva999@gmail.com

Mestranda em ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande Norte
Campus avançado Pau dos Ferros, UERN-CAPF

Rosalvo Nobre Carneiro
rosalvonobre@uern.br

Pós-doutorado em Didática da Geografia (UFPI)
Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

RESUMO

Na educação contemporânea, há uma necessidade de compreender a formação de professores de Geografia e as práticas docentes mediante a inclusão de alunos com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Logo, neste estudo, objetiva-se analisar a formação docente e as práticas adotadas por professores de Geografia em escolas públicas de Ensino Fundamental na região do Alto Oeste Potiguar, RN, no que diz respeito à inclusão de alunos diagnosticados com TEA. Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa, valendo-se dos procedimentos bibliográficos e da pesquisa de

campo, com aplicação de questionário para professores e observação de suas aulas. Os resultados indicam a fragilidade da formação nos cursos de licenciatura, de modo que os professores saibam lidar com alunos com TEA em sala de aula nas escolas. Conclui-se que este é um tema pouco explorado, que precisa de mais estudos, além de organização curricular das graduações para a inclusão desse panorama.

Palavras-chave: Autismo. Formação de Professores. Geografia.

ABSTRACT

In contemporary education, there is a need to understand the training of Geography teachers and teaching practices through the inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD). Therefore, in this study, the objective is to analyze teacher training and the practices adopted by Geography teachers in public elementary schools in the region of Alto Oeste Potiguar, RN, with regard to the inclusion of students diagnosed with ASD. As for the approach, the research is qualitative, using bibliographic procedures and field research, with the application of a questionnaire to teachers and observation of their classes. The results indicate the fragility of training in undergraduate courses, so that teachers know how to deal with students with ASD in the classroom at schools. It is concluded that this is a little explored topic, which needs more studies, in addition to the curricular organization of undergraduate courses to include this panorama.

Keywords: Autism. Teacher Training. Geography.

RESUMEN

En la educación contemporánea, es necesario comprender la formación de los profesores de Geografía y sus prácticas pedagógicas en relación a la inclusión de alumnos con Trastorno del Espectro Autista (TEA). El objetivo de este estudio es analizar la formación de los profesores y las prácticas adoptadas por los profesores de Geografía en las escuelas primarias públicas de la región del Alto Oeste Potiguar de Rio Grande do Norte, en relación con la inclusión de alumnos diagnosticados con TEA. En términos de abordaje, la investigación es cualitativa, utilizando procedimientos bibliográficos e investigación de campo, con aplicación de cuestionario a los profesores y observación de sus clases. Los resultados indican la fragilidad de la formación en los programas de pregrado, para que los profesores sepan cómo tratar a los alumnos con TEA en el aula escolar. La conclusión es que se trata de un tema poco explorado que necesita más estudio, así como la organización de los planes de estudio de pregrado para incluir este panorama.

Palabras clave: Autismo; Formación de profesores; Geografía.

INTRODUÇÃO

O tema da inclusão tem ganhado destaque acadêmico na atualidade, além disso, grupos sociais de referência, famílias, profissionais da saúde e educação lutam diariamente para que as pessoas com necessidades especiais tenham seus direitos garantidos. Frente a isso, a Constituição Federal do Brasil instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista com a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, além de alterar o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, que estende aos servidores públicos federais, tutores de uma pessoa com deficiência de qualquer natureza, o direito a horário especial. Ademais, de acordo com a Lei nº 12.764, o Espectro Autista, este é definido como:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

A inclusão na formação de professores é um tema pouco explorado em Geografia. Assim, quando não é objeto de aprendizagem aprofundada na graduação, implica a necessidade da formação continuada com o TEA. Logo, é importante que a inclusão seja inserida na formação de professores, e, do nosso ponto de vista, na

ciência geográfica, pois esta promove a compreensão do mundo no qual o aluno está inserido, desenvolvendo o seu pensamento crítico e a convivência em sociedade.

Durante as aulas de Geografia, subentende-se que os alunos diagnosticados com TEA tendem a participar das aulas sem maior engajamento com as atividades e o desenvolvimento da disciplina, tanto nos momentos de discussão, como na elaboração de atividades. O DMS-5 - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2014) afirma que as pessoas diagnosticadas com autismo tendem a ter dificuldade em manter e compreender relacionamentos. Notoriamente, devido à falta de aprofundamento da inclusão do TEA na formação de professores em Geografia, acredita-se que em sala de aula não se utilizam metodologias pensando na inserção desses alunos.

Diante disso, busca-se compreender as principais dificuldades que os docentes e discentes de Geografia, no Alto Oeste Potiguar, enfrentam quanto ao processo de inclusão em sala de aula, particularmente sobre o TEA, que podem resultar da formação docente inicial. Com isto, espera-se problematizar déficit ou fragilidades na formação de professores sobre o tema da inclusão e, conseqüentemente, o que contribui para que os alunos com TEA não tenham o desenvolvimento adequado na escola. É necessário reforçar que a inclusão não é responsabilidade somente dos professores, entretanto, a esse profissional compete a aprendizagem escolar dos alunos.

Um problema enfrentado pelos alunos com TEA, em sala de aula, é a exclusão. Não há a inserção desses alunos durante as aulas dos professores de Geografia, seja nos momentos de explanação dos conteúdos ou na elaboração de atividades em grupo/individual. Diante da ausência de interação social entre os alunos com TEA e seus colegas, aliada às dificuldades enfrentadas no desenvolvimento das atividades escolares, seria possível atribuir esse desafio à carência de formação específica em inclusão, sobretudo no contexto do TEA, durante a preparação dos professores de Geografia?

Visto que a inclusão é trabalhada de forma não aprofundada na formação de professores, principalmente nos de Geografia, acredita-se que a falta de interação social e as dificuldades de realizar atividades individuais e em grupos dos alunos com TEA, dentro da sala de aula, dá-se pela ausência de preparação e falta de metodologias que supram as dificuldades que esses alunos têm em aprender.

Durante o ano de 2022, eu trabalhei em um espaço psicopedagógico, no qual tive contato com alunos diagnosticados com TEA, e isso me despertou uma curiosidade e me fez voltar o olhar para eles. Além disso, durante o período do estágio obrigatório do curso, percebi que os alunos que tinham alguma dificuldade intelectual ficavam mais recuados em sala de aula e não participavam das aulas, o que despertou o interesse de pesquisar sobre a inclusão no processo de formação dos professores de Geografia para a inclusão do TEA.

Apesar do assunto estar sendo bastante discutido, quando se fala em formação de professores, não se há um preparo para que o professor seja capacitado e preparado para suprir as necessidades que o aluno de TEA demanda. Tendo em vista que o professor lida diretamente com alunos autistas, é de extrema importância a inserção da educação inclusiva na perspectiva da educação especial em outras licenciaturas, além da pedagogia. Na região do Alto Oeste Potiguar, esta temática não se encontra desenvolvida, bem como nos cursos de formação de professores em Geografia do Rio Grande do Norte, especialmente da UERN, pois ainda inserem poucas disciplinas e atividades para a inclusão. A disciplina recorrente nessa vertente inclusiva costuma restringir-se apenas à Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo analisar a formação docente e se há práticas adotadas por professores de Geografia em escolas públicas de Ensino Fundamental na região do Alto Oeste Potiguar, RN, no que diz respeito à inclusão de alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Para alcançar esse propósito, procurou-se identificar o perfil dos professores de Geografia quanto à presença da inclusão em seus cursos de formação; saber detectar

se o professor de Geografia usa metodologias de ensino inclusivas, em suas aulas, notadamente para alunos de TEA; além de descrever o comportamento dos alunos portadores de TEA durante as aulas de Geografia, em termos de interação social e realização de atividades.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa básica, pois assim como afirma Moreira (2004) ela é aquela cuja origem parte do interesse e busca a compreensão dos fenômenos, além de contribuir para a expansão do conhecimento da área de estudo. Com isso, objetiva-se produzir novos conhecimentos para o desenvolvimento da ciência geográfica.

Sua abordagem foi qualitativa, para Jaccoud e Mayer (2008), a pesquisa qualitativa é aquela na qual se utiliza da observação como ferramenta principal para a compreensão dos fenômenos que serão analisados no estudo, por exemplo, descrever e analisar a interação dos alunos de TEA em sala de aula, além de analisar as práticas que são utilizadas pelos professores de Geografia para a inserção desses alunos.

A pesquisa é exploratória, porque de acordo com Marconi e Lakatos (2003), esse tipo de pesquisa busca a compreensão de fenômenos pouco conhecidos ou estudados. Prodanov e Freitas (2013) confirmam essa ideia quando afirmam que a pesquisa exploratória parte da investigação para ir ambientando-se sobre determinado impasse da pesquisa de um assunto pouco explorado.

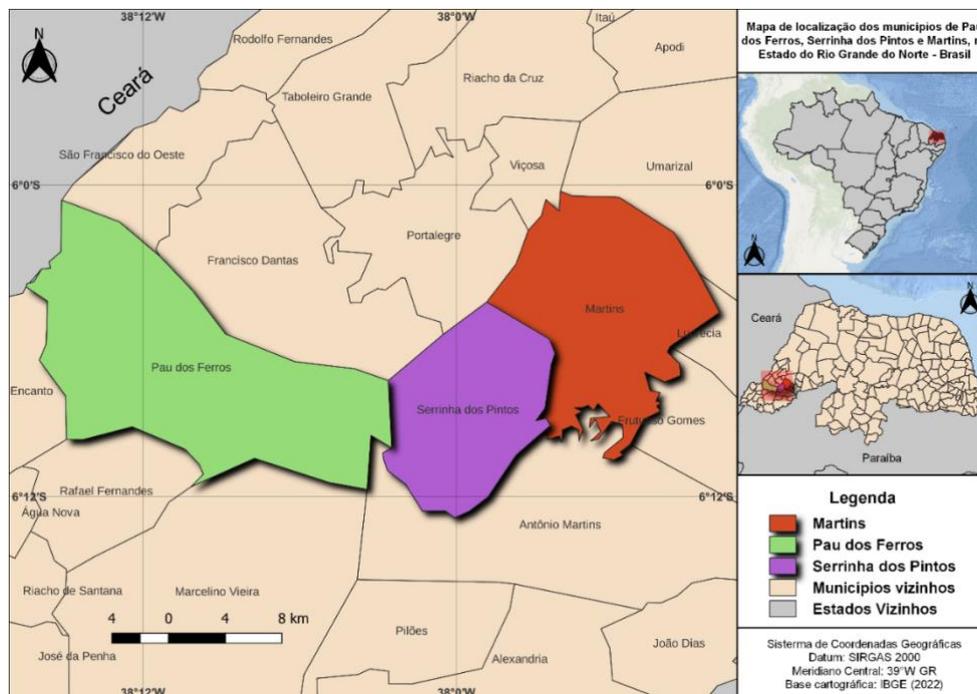
A primeira etapa da pesquisa consistiu no levantamento bibliográfico, ou seja, inclui uma coleta de dados e análise que se deu a partir de buscas no *Google Acadêmico*, *Periódicos CAPES*, *Dialnet*, *Research Gate*, *Revistas de Geografia* e *Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Tese*. Para tanto, foram utilizados os descritores: TEA e Geografia; Formação docente em Geografia; e Inclusão. Foram

selecionados os estudos que abordam diretamente o tema. A partir dessa etapa, foi possível observar a lacuna existente sobre o tema de pesquisa, tendo em vista a dificuldade de achar estudos que relacionem a Geografia, formação docente e o autismo. Os poucos estudos encontrados apareceram entre 2021 a 2023. Consequentemente, é importante salientar que, para a construção do referencial teórico, precisou-se adentrar em outras ciências, como a pedagogia e a psicologia.

Em seguida, foi feita uma pesquisa de campo em três escolas de três municípios do Alto Oeste Potiguar, a saber: Serrinha dos Pintos (RN), Pau dos Ferros (RN), Martins (RN) (Figura 1). A escolha das escolas partiu primeiramente de um diálogo informal com os professores sobre a quantidade de alunos diagnosticados com o TEA, e se esses seriam do Ensino Fundamental II.

A pesquisa de campo dividiu-se em dois momentos. O primeiro foi a aplicação de um questionário. As respostas dos professores estão distribuídas a partir das siglas: P1, P2 e P3 respectivamente, professor da escola de Serrinha dos Pintos, de Pau dos Ferros e de Martins.

Figura 1 - Municípios do Alto Oeste Potiguar



Fonte: Autoria própria (2023)

A escolha das escolas se deve ao estágio obrigatório do curso, no qual pode verificar a existência de atendimento especializado para alunos especiais, por intermédio do Atendimento Educacional Especializado (AEE), no município de Martins. Em um diálogo com um professor da escola de Serrinha dos Pintos, também pude verificar a existência desse atendimento, no qual contém 15 alunos com TGD (Transtornos Globais do Desenvolvimento), sendo 2 deles diagnosticados com autismo. Assim como nas outras escolas, em Pau dos Ferros, a partir do diálogo informal com estagiárias, fui informada de que a escola-campo também possui atendimento especial.

Os sujeitos da pesquisa foram três professores de Geografia e os alunos diagnosticados com TEA. Os professores foram entrevistados sobre como foi trabalhada a inclusão do Transtorno do Espectro do Autismo na sua formação, além de serem questionados sobre as maiores dificuldades que eles enfrentam no que diz

respeito à inserção desses alunos em sala de aula. Ademais, as atividades dos alunos foram observadas em sala de aula, a partir de uma ficha estruturada para que pudesse verificar o interesse deles e também verificar se o professor se apropria de práticas inclusivas. Foram duas aulas de observação em cada classe. Ao final das entrevistas e observações, os dados foram tratados e interpretados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entendendo o Autismo e a importância de práticas inclusivas

Tendo em vista a importância de se compreender o objeto de estudo e contextualizar o tema da pesquisa, nessa seção será abordado o que é o autismo e suas principais características; bem como a relevância que o papel do professor, especialmente o de Geografia, tem na formação do pensamento crítico desse aluno; e, por fim, a necessidade de se utilizar as práticas de inclusão nas aulas.

O autismo, também chamado de Transtorno do Espectro do Autismo, de acordo com Brito e Vasconcelos (2016) é uma síndrome do neurodesenvolvimento, em que é definido pela ausência de comunicação social, além de ser caracterizado por comportamentos restritos e repetitivos. Ademais, os autistas apresentam um comportamento diferente quando se trata de realizações de atividades e interesses em brincadeiras. Por isso, é importante que o professor em sala de aula saiba as características que diferenciam esses alunos, para que possam intervir e contribuir para que eles tenham minimamente a oportunidade de se desenvolver, adquirindo os conhecimentos necessários para uma vida social e profissional de mais qualidade.

Normalmente crianças com TEA não conseguem focalizar sua atenção, não olham diretamente para seus interlocutores. No brincar, seus trejeitos também são diferentes, basicamente caracterizado por movimentos repetitivos. Pessoas com

autismo tendem a ter um hiper interesse em alguma atividade, e, quando se trata da questão educacional, pode ser direcionado para alguma disciplina, portanto, os professores, em geral, precisam encontrar maneiras para “chamar a atenção” desse aluno para a aula.

Portanto, é crucial que os professores incorporem práticas inclusivas em suas aulas. De acordo com Silva, Nornberg e Pacheco (2011), à medida que a comunidade escolar toma conhecimento do aumento de alunos com deficiências, seja física ou intelectual, surge a preocupação em encontrar alternativas para garantir a participação significativa desses alunos nas atividades escolares. Para confirmar essa ideia, é importante considerar as palavras de Mantoan (2013, p. 12)

A escola se entupiu do formalismo da racionalidade e cindiu-se em modalidades de ensino, tipos de serviço, grades curriculares, burocracia. Uma ruptura de base em sua estrutura organizacional, como propõe a inclusão, é uma saída para que a escola possa fluir, novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam.

O ambiente escolar faz parte do cotidiano das crianças e adolescentes, pois eles passam a maior parte de suas vidas criando relações sociais e formando o seu pensamento crítico, logo, a ciência geográfica intermediada pelo professor de Geografia tem um papel fundamental nesse processo de formação do pensamento crítico dos indivíduos. De acordo com Miron e Nicolau (2020), uma das maiores problemáticas da atualidade é proporcionar a socialização e integração dos alunos com necessidades especiais, de modo a desenvolver um ensino de qualidade. Interação social é um aspecto que precisa ser levado em consideração quando falamos em Transtorno do Espectro do Autismo, pois ela é necessária fora e dentro da comunidade escolar, dado que é a interação que possibilita, a partir da troca de experiências, o desenvolvimento de aprendizagens e também habilidades sociais, que são importantes no crescimento acadêmico e pessoal.

Por conseguinte, a interação social é um ponto característico nesses alunos, os quais tendem a exclusão em sala de aula. Assim como afirma o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-5 (2014):

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (American Psychiatric Association, 2014, p. 31).

É importante também considerar as palavras de Camargo e Bosa (2009), no que diz respeito à importância da interação social, ele defende que a interação vai proporcionar troca de experiências e ideias. Isto é, essa troca de experiências que acontece no ambiente escolar, entre as crianças e adolescentes, deve ser considerada como uma forma de trabalhar com o autismo para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Essa troca mobiliza algumas aprendizagens, como saber esperar sua vez e conseqüentemente trabalhar a paciência. As brincadeiras, nesses momentos, são necessárias, pois ajudam acerca do trabalho de concentração, dos movimentos motores e da fala. Aspectos importantes não só no ambiente escolar e na idade infantil ou adolescente, mas também na vida adulta em sociedade.

Brito e Vasconcelos (2016) abordam sobre a questão evolutiva do autismo, que é bastante variável, dependendo do grau e desenvolvimento individual de cada pessoa. Uma das maneiras de medir a evolução do autismo é o QI, ou seja, os alunos que possuem um QI normal ou elevado tendem a ter bons resultados. Por outro lado, nem todos os portadores do TEA têm uma evolução significativa na intervenção do transtorno, isso significa que alguns possuem um baixo QI e baixo desenvolvimento, além de apresentar pouca evolução na questão do tratamento.

Considerando essas compreensões gerais sobre o autismo, pode-se pensar sobre as práticas inclusivas, aquelas que são adequadas para a aprendizagem dos alunos.

Essas práticas devem garantir, portanto, a interação social e a realização das atividades de Geografia na sala de aula. As práticas inclusivas são importantes no contexto educacional, pois elas possibilitam assegurar que todos os alunos participem ativamente, apesar de suas características individuais. É importante que as práticas inclusivas sejam promovidas durante a formação docente.

FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA E INCLUSÃO

Nesta seção, será discutido o processo de formação docente em Geografia, buscando entender o processo da inclusão no contexto formativo, com suas práticas inclusivas.

Os estudos analisados revelam ser mais voltados para relatos de experiência que os graduandos tiveram durante o estágio ou outra atividade na qual é desenvolvida durante a graduação. Custódio e Régis (2016) consideram que a existência da diversidade no ambiente escolar é um passo importante para o processo de implementação de um ensino pensado para todos, tendo em vista as necessidades individuais de cada educando.

De acordo com Cachinho (2019), nos últimos anos, têm chegado à matriz curricular das licenciaturas algumas mudanças com o objetivo de atingir alguns aspectos, por exemplo, ligar o conteúdo com a vivência dos alunos. Porém, não se fala sobre mudanças nos programas de estudos voltadas para a inclusão, ou preparação para que os professores tenham conhecimentos necessários para dar o devido suporte aos alunos portadores do TEA.

Também é importante refletir sobre as palavras de Ribeiro e Santos (2021, p. 6) sobre a negligência que existe dentro nas instituições escolares quando o assunto é inclusão

A instituição escolar tem sua cultura pautada em práticas seletivas e excludentes e, em consequência disso, tem segregado uma parcela considerável da população, principalmente, dos estudantes que não se enquadram no padrão socialmente aceito. Então, estes, muitas vezes, mesmo inseridos na escola, continuam excluídos, é o que se costuma chamar de inclusão marginal, a exemplo dos alunos com deficiências.

Compreende-se que o termo “inclusão marginal”, utilizado pelas autoras, retrata a realidade presente no ambiente escolar. Descrevendo as situações dos alunos com deficiência, que, embora estejam presentes na escola, enfrentam situações que os colocam em posição de exclusão.

Com isso entendemos a importância de inserir a inclusão do TEA no currículo dos cursos de formação de professores e professoras da Geografia, dado que assim como as outras ciências, a Geografia é fundamental no processo de formação dos cidadãos dentro e fora da comunidade escolar.

No que diz respeito ao processo de inclusão no contexto educacional é importante salientar as palavras de Nuernberg e Gesser (2016, p. 15) “Parte-se do pressuposto de que a inclusão educacional é de fundamental importância para a construção de uma sociedade democrática.” Com isso, entende-se a importância de se trabalhar de forma inclusiva na comunidade escolar, haja vista que a educação desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de uma sociedade mais justa, além de proporcionar aos indivíduos senso crítico para formar cidadãos mais conscientes.

FORMAÇÃO E PRÁTICAS DOCENTES EM TEA EM ESCOLAS DO ALTO OESTE POTIGUAR, RN.

Durante as entrevistas, inicialmente, foi perguntado aos professores e professoras o ano de conclusão do curso de Geografia. Em geral, são jovens, os quais concluíram o curso em 2006, 2013 e 2016. Os dois últimos formaram-se em Educação

à Distância, e o primeiro presencialmente. Todos são concursados do Estado do Rio Grande do Norte

Independente da formação ter ocorrido de maneira presencial ou EAD o tema da inclusão não é abordado no curso de Licenciatura em Geografia. Assim, ao serem perguntados se em algum momento da graduação foi trabalhada a inclusão para alunos com TEA, P1 afirmou que não; P2 comentou que “muito raramente, apenas no campo teórico”. Por sua vez, a descrição de P3 é mais preocupante: “Não. Já fiz duas licenciaturas e em nenhuma das faculdades senti que fui preparada para ensinar portadores do TEA”, isso comprova a fragilidade da formação docente em Geografia em muitos contextos regionais.

Considerando que nenhum dos professores teve em sua graduação a temática da inclusão de alunos diagnosticados com TEA em seu processo de formação, em seguida, questionou-se se, em algum momento, no curso, os docentes propuseram metodologias desenvolvidas para atender as necessidades destes alunos. A resposta dos três foi “Não”.

Isso implica a necessidade de uma formação continuada, para que eles possam ter capacitação para melhor atender esses alunos. É importante, durante o processo de formação de professores de Geografia, a conscientização sobre o TEA. É primordial que os professores conheçam as características desses alunos.

Logo em seguida foram questionados sobre a quantidade de alunos diagnosticados com autismo em suas turmas de Geografia, nas escolas. P1 afirmou que nas aulas dele tem entre 5 e 7. P2 “3”, e P3 “entre 3 a 5”, ou seja, todos os professores de Geografia que participaram da entrevista têm pelo menos 3 alunos com autismo e nenhum deles tem a capacitação necessária para atender a demanda que esses alunos exigem.

Considerando a realidade do processo de formação dos professores, procurou-se saber como eles buscam inserir nas aulas os alunos com TEA na hora de explanação dos conteúdos. P1 disse que esse processo, para ele, ocorre “fazendo

atividades diferentes”. P2 diz “É preciso se voltar para eles e chamar a atenção com uma linguagem didática e dando-lhes toda importância no processo de ensino.” E P3 disse o seguinte: “Procurando uma maneira de explicar que ajude eles a apreender algo.” Percebe-se que esses professores se sentem meio deslocados no tocante a inserção dos alunos nas aulas, pois o discurso não difere do usualmente empregado para os alunos em geral.

Tomando como base as dificuldades dos professores para adaptar os conteúdos e atividades para os alunos com TEA, seria interessante desenvolver, por meio do ensino de Geografia, estratégias de comunicação, explorando, por exemplo, a lateralidade. Ou usar os tipos de solos para trabalhar pedologia, tato e coloração, entre outros artifícios.

Em seguida, eles responderam como procuram inserir esses alunos na hora da elaboração de atividades. O P1 afirmou, novamente, “fazendo atividades diferentes”. P2 e P3 afirmaram que passam as mesmas atividades que os demais, mas que procuram acompanhar o desenvolvimento individual dos alunos com TEA.

Ademais, os professores foram perguntados sobre como esses alunos são na questão de participação na hora de explanação de conteúdo. P1 e P2 afirmaram que “Ouvem mais, mas em algum momento falam”, já a resposta mais preocupante foi a do P3 afirmando que “Apenas ouvindo, nunca falam.” Ambas as respostas são alarmantes, pois em sala de aula o diálogo é indispensável para que haja um ambiente integrador, em que todos os alunos possam adquirir as habilidades necessárias para uma vida profissional e pessoal digna, apesar dos comportamentos descritos serem características comuns de pessoas diagnosticadas com autismo, considerando o DSM-5. Nesse sentido, cabe aos professores buscarem alternativas que possam mudar essa realidade para que os alunos possam ter um maior rendimento escolar.

Essa realidade enfatiza as palavras de Ribeiro e Santos (2021), quando falam sobre a inclusão marginalizada existente no contexto educacional, afinal, se os alunos

não têm uma participação ativa e um desenvolvimento pleno, eles estão na escola apenas porque isso é um direito garantido a eles perante a lei.

Ainda relacionada à participação de alunos com TEA, os professores foram questionados sobre a tarefa de responder às atividades em geral. Os P1 e P2 afirmaram: “Respondem com alguma dificuldade”, e P3 dizendo que “não respondem”. Isso implica em mais uma esfera de baixa participação destes alunos em sala de aula, o que comprova ainda mais as dificuldades que esses alunos enfrentam diariamente no ambiente escolar.

Diante da problemática da questão anterior foi perguntado aos professores se eles enfrentam desafios para manter o interesse desses alunos nas atividades que estão sendo realizadas em sala de aula. P2 foi detalhista em sua resposta quando disse:

Sim. Não temos recursos didáticos suficientes. Somos uma geração do séc. 21 com salas de aula desde meados do séc. 20. Nossa formação acadêmica não nos prepara para trabalharmos nos casos de TEA, nem temos recursos humanos disponíveis interdisciplinares para nos ajudar.

Esse relato contribui para enfatizar a ideia de Cachinho (2019), que diz que apesar de algumas mudanças no contexto educacional nenhuma é voltada para o processo de inclusão.

O comentário de P2 nos leva à reflexão da falta de preparo, partindo não somente da formação dos professores, mas também na estrutura escolar e disposições de materiais de apoio. Para compreender a percepção dos professores sobre a inclusão do Autismo e comprovar se eles sentem falta dessa pauta na formação deles, primeiro foi questionado se eles acreditam na importância da Inclusão do TEA na formação docente e vê isso como um fator significativo para a melhoria do desenvolvimento de atividades para esses alunos. P2:

Sim. Todos nós temos habilidades, alguns enfrentam desafios maiores pelas limitações impostas pela natureza ou pela sociedade, contudo, precisamos

de profissionais devidamente qualificados e recursos didáticos do nosso tempo para explorarmos as distintas habilidades que têm nossos alunos.

Todos concordam com o posicionamento. E para reforçar ainda mais essa importância, foi perguntado a eles se julgam que se a inclusão do TEA fosse trabalhada no curso de Geografia, durante as aulas, com um maior preparo haveria garantia de que esses alunos fossem ser participantes ativos. Embora todos concordem, P2 argumentou:

O processo de inclusão é bem complexo, requer interdisciplinaridade, formação acadêmica dos professores, desprecarização; ambiente escolar concatenado com o séc. 21, ou seja, uma escola com lousa digital e internet rápida, laboratórios de verdade, espaço adequado para a prática de esportes.

Ou seja, todos os professores concordam que existe essa lacuna no processo de formação deles e que isso implica sim um prejuízo de aprendizagem e desenvolvimento destes alunos. Os professores também afirmam que na hora da explicação de conteúdos e elaboração de atividades sempre tentam trazer alguma atividade diferenciada para os alunos autistas, mas, como é mostrado nas afirmações sobre a baixa participação desses alunos, pois eles apenas ouvem na maioria das vezes, isso comprova que essa busca por atividades diferentes é insuficiente. Resulta disso a importância da formação docente, para que os professores tenham conhecimentos teóricos e práticos que sejam verdadeiramente eficazes para que esses alunos possam se desenvolver minimamente durante o ano letivo.

Além do mais, os professores afirmam sentir dificuldades para manter o interesse dos alunos com TEA nas aulas, afirmam também que se tivesse sido trabalhado na formação docente deles a inclusão do Transtorno do Espectro do Autismo, as aulas funcionassem mais para esses alunos, e que esse déficit na formação prejudica o aprendizado deles. Cabe agora, portanto, a formação continuada ser orientada para essa demanda escolar.

Durante a pesquisa de campo, além do questionário aplicado para os professores, observei algumas aulas, preenchendo uma ficha de controle. Comprovou-se que os professores não interagem com esses alunos nas aulas, pois na maioria das aulas o aluno com TEA estava fazendo uma atividade contrária ao que estava acontecendo na aula.

Uma grande problemática presenciada foi que muitas das vezes o auxiliar destinado para cuidar do aluno autista em sala de aula é quem fica responsável por fazer/trazer alguma atividade. E muitas das vezes é uma pessoa também sem uma preparação, fazendo com que a relação aluno e professor distancie-se ainda mais, contribuindo para um déficit de aprendizagem dos educandos.

No que diz respeito à interação social, notou-se que os alunos com TEA não constroem interações em sala de aula com os demais alunos. Em alguns momentos de brincadeiras, os alunos com TEA ficaram excluídos. Houve pouca interação com os colegas de sala, o que exigiria do professor um conhecimento específico, como atividades em grupo, promovendo o contato de alunos mais experientes para ser um colaborador das aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão é um tema que está gerando discussões atualmente, desse modo, é importante a sociedade em geral começar a se apropriar da temática, não é diferente para a comunidade educacional. Dentro do contexto escolar, especificamente os professores que lidam diretamente com os alunos com deficiências, devem estar capacitados para trabalhar com esses educandos.

O autismo vem sendo discutido cada vez mais nas escolas, de acordo com os relatos dos professores nos últimos anos é crescente o número de alunos com o diagnóstico. Infelizmente, durante a formação de professores, especificamente os de

Geografia, não há uma capacitação para que eles possam atender a demanda que esses alunos exigem, garantindo assim um ensino de qualidade para eles.

Ao longo deste trabalho, foi possível conhecer um pouco sobre as características do autismo, e perceber a lacuna existente no nosso sistema educacional no que diz respeito à inclusão do TEA na comunidade escolar, por causa da falta de estrutura e materiais, como relatou o P2 e também na sala de aula, considerando a falta de preparação dos professores.

Todos os professores entrevistados destacaram que a ausência de preparo em sua formação para lidar com alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) impacta negativamente no desempenho desses estudantes. Eles afirmam que se tivessem recebido capacitação adequada durante sua formação, os alunos não enfrentariam tantos prejuízos. Essa constatação reforça a hipótese desta pesquisa, indicando que a falta de interação dos alunos diagnosticados com TEA pode ser atribuída à omissão da temática durante o processo de formação dos professores de Geografia. Esse cenário ressalta a importância de incorporar conteúdos relacionados à inclusão e à diversidade na formação docente, visando proporcionar um ambiente educacional mais inclusivo e acessível.

Enquanto professores (ou futuros) de Geografia devemos pensar em estratégias de ensino, para tornar nossas aulas mais inclusivas e atrativas. Se usarmos o ensino de Geografia como uma ferramenta de desenvolvimento para os alunos diagnosticados com TEA, utilizando materiais visuais como mapas e imagens, dá para trabalhar além dos conteúdos, podemos observar o tato por meio da textura de materiais; o trabalho em equipe, que vai ajudar na questão de interação social; e para tornar os conteúdos e a aula mais atrativos é essencial a incorporação de interesses pessoais com o tema.

É importante ressaltar a dificuldade de encontrar estudos sobre a temática, entrelaçando a Geografia e a inclusão, isso implica a necessidade de mais estudos sobre esse panorama.

REFERÊNCIAS

BRITO, Adriana Rocha; VASCONCELOS, Marcio Moacyr. Conversando sobre autismo - Reconhecimento precoce e possibilidades terapêuticas. *In*: CAMINHA, Vera Lucia; HUGUENIN, Julliane Yoneda; ASSIS, Lúcia Maria; ALVES, Priscila Pires (org.). **Autismo, vivências e caminhos**. [S. l.: s. n.]: Blucher Open Access, 2016. p. 24-33.

CACHINHO, Herculano. Desafios da Formação em Geografia e na Educação Geográfica, Conhecimento Poderoso e Conceitos Liminares. **Revista Educação Geográfica em Foco**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 1-22, 2019.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. COMPETÊNCIA SOCIAL, INCLUSÃO ESCOLAR E AUTISMO: REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA. **Psicologia e sociedade**, [S. l.], p. 65-74, 21 abr. 2009.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION *et al.* **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. [S. l.]: Artmed Editora, 2014.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?**. [S. l.]: Summus Editorial, 2015.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: ATLAS S.A, 2002. 278 p.

MIRON, Daniela; NICOLAU, Kelly Brambilla Kolano. FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA-TEA. **Intelletto**, [S. l.], 2020.

NASCIMENTO, Francisca Samara Kizia Bezerra; DINIZ, Marco Túlio Mendonça.; GARCIA, Tânia Cristina Meira. Ajude-nos a compreender o espaço geográfico – MANUAL PEDAGÓGICO COM ORIENTAÇÕES AO PROFESSOR DE ALUNO COM AUTISMO. **Geoconexões**, [S. l.], p. 1-20, 15 jan. 2023.

NUERNBERG, Adriano Henrique; GESSER, Marivete. Barreiras atitudinais no contexto da inclusão escolar de estudantes com deficiência. *In*: NOGUEIRA, Ruth E.

(org.). **Geografia e Inclusão escolar teorias e práticas**. Florianópolis: Edições do bosque, 2016. cap. 1, p. 13-28.

SILVA, Gilberto Ferreira; NÖRNBERG, Marta; PACHECO, Suzana Moreira. Processos formativos a partir de práticas inclusivas na educação básica. **Inter-Ação**, [S. l.], p. 1-22, 16 dez. 2011.

RIBEIRO, Solange Lucas; SANTOS, Juliana Oliveira dos. Ensino de Geografia no contexto da diversidade e da inclusão educacional. **Revista brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano (ed.). **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Editora FEEVALE, 2013.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. Uma breve história da formação do(a) professor(a) de Geografia no Brasil. **Terra Livre**, São Paulo, n.15, p.129-144, 2000